

Editorial

Atualmente, a teoria psicanalítica vem dando destaque às variações históricas e sociais da cultura, considerando estes fatores como elementos importantíssimos na complexa constituição de uma subjetividade. Encontramos diversos autores, nos mais diversos campos do pensamento, interessados em acrescentar ou reformular conceitos estabelecidos, buscando compreender na clínica, as novas subjetividades atravessadas pelas demandas da contemporaneidade.

Algumas dessas contribuições são ampliações e desdobramentos de questões já contidas no pensamento freudiano. Um(a)s apontam para rumos distintos, expandindo consideravelmente os horizontes na compreensão do ser humano e outras acarretam rupturas conceituais que provocam naturalmente mudanças de paradigma.

O tema “Masculino/Feminino: A Clínica dos Novos Paradigmas” permeou os estudos do CPRJ, este ano. As reflexões levantadas nos trabalhos apresentados e as discussões delas suscitadas evidenciam a necessidade e a legitimidade de uma permanente atualização das concepções teóricas e da prática clínica.

Não podemos nos esquecer que Freud, orientado pelo espírito científico, constituiu a psicanálise como um método de pesquisa e tratamento, o que significa serem as teorias e as práticas permanentemente sujeitas a revisões. Portanto, na atualidade, os novos fenômenos observados colocam em pauta distintas concepções teóricas da natureza humana.

Maria Rita Kehl, desde 1994 vem pensando sobre a dualidade masculino/feminino. Apresenta, em seus textos, indagações que Freud não pode responder ou escutar. A dualidade, o verso e o reverso do masculino/feminino, são sinalizados pela autora como termos nem tão opostos

nem tão complementares como se pensa: Kehl¹ (1996) “... para além da mínima diferença anatômica que nos distingue, as possibilidades de identificação entre os campos não têm limites, tanto nos sujeitos quanto nas formas de nossa cultura”.

Jurandir Freire Costa² aponta o que ele chama de “marca do tempo” ao lembrar-nos de que a teoria freudiana toma a questão do sexo como um referente humano fixo, um atributo inato – uma concepção específica da cultura vigente ao final do século XIX. O autor assinala que as transformações tecnológicas e as redescobertas culturais ocorridas desde então retiraram das inclinações sexuais o valor identificatório social antes a elas associado. Em outras palavras, “a sexualidade deixa de ser um atributo inato e passa a ser um produto histórico de certos hábitos mentais”.

Desta forma, no cenário atual da pós-modernidade onde a sexualidade circula de forma espetacular, os princípios éticos estão confusos e os sentidos da estética hipervalorizados, vemos surgir novas perspectivas de compreensão na psicanálise em que feminilidade e masculinidade são atributos relacionados a diferentes estilos e formas de ser. Como tais, podem ser compreendidos não como sintomas, mas como expansões do “si mesmo” e do direito de existir nas mais variadas formas de subjetivação.

Nesta edição, diversos autores percorrem caminhos distintos ao se debruçarem sobre o tema proposto e que, com certeza, serão de grande valia em suas reflexões acerca das transformações sinalizadas pela prática clínica contemporânea.

Como entrevistados, temos *Liana Albernaz de Melo Bastos, Silvia Alexim Nunes e Sócrates Nolasco*. Na seção temática vamos encontrar os criativos textos de *Ana Maria Oliveira da Luz, Delphim Soares Nogueira Neto, May-Ling Wang, Paula Avelino de Góes e Paula Curi Land Mocarzel*. Na seção não-temática são discutidas outras questões da psicanálise com os belos artigos de *Ana Lila Lejarraga, Dany-Robert Dufour, Denise Duek Reznik, Fânia Goltsman Izhaki, Gilberto Santos Rocha e Paulo Sergio Lima Silva*.

Comissão de Publicações e Biblioteca

-
1. Kehl, Maria Rita - *A mínima diferença* (Ensaio). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
 2. Costa, Jurandir F. - A questão psicanalítica da identidade sexual em Graña, Roberto B. (org.) *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 15-27.